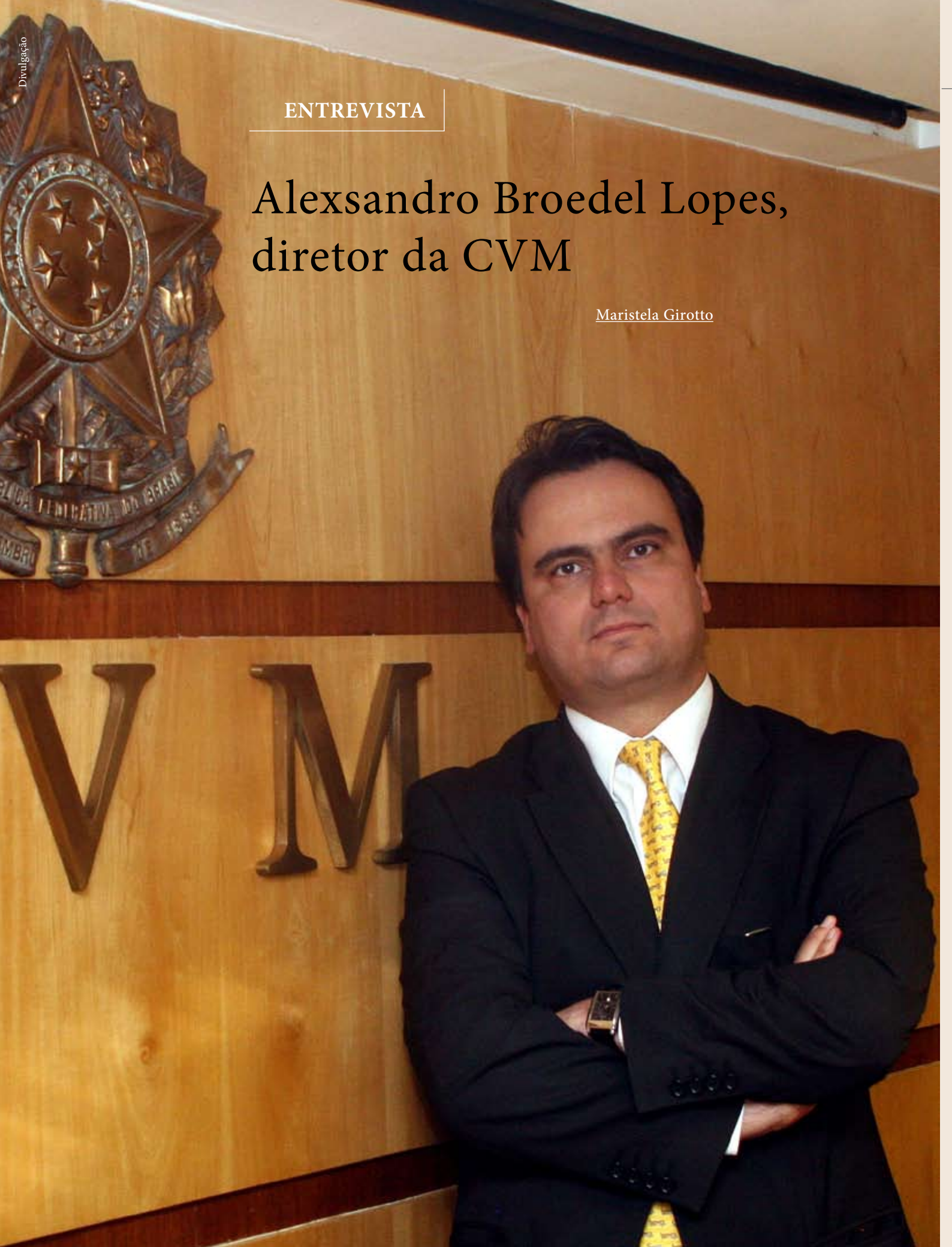


ENTREVISTA

Alexsandro Broedel Lopes, diretor da CVM

Maristela Girotto



O professor titular de Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA-USP) Aleksandro Broedel Lopes assumiu, em 4 de janeiro deste ano, o cargo de diretor da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), em substituição a Eliseu Martins, também professor titular de Contabilidade da FEA-USP. A manutenção de eminentes profissionais da área contábil na Diretoria Colegiada dessa autarquia federal evidencia a importância da Contabilidade para o desenvolvimento do País.

A CVM tem poderes para disciplinar, normatizar e fiscalizar a atuação dos diversos integrantes do mercado brasileiro de valores mobiliários. Com sede no Rio de Janeiro, a autarquia é administrada por um presidente e quatro diretores nomeados pelo Presidente da República. Atualmente, a Presidência é ocupada por Maria Helena dos Santos Fernandes de Santana e a Diretoria, composta por Marcos Barbosa Pinto, Eli Loria, Otávio Yazbek e Aleksandro Broedel Lopes. Bacharel, Doutor e Livre-Docente em Contabilidade pela FEA-USP e *PhD in Accounting and Finance* pela *Manchester Business School*, o novo diretor da CVM é professor titular da FEA-USP, membro do *Education Advisory Group* do *International Accounting Standards Board* (IASB), consultor e parecerista em matéria contábil-financeira e tributária.

Com mandato previsto para terminar em 31 de dezembro de 2014, Broedel assumiu o cargo como um grande desafio. “O momento dinâmico do mercado brasileiro de capitais aumenta a complexidade dos assuntos societários de uma forma geral”, afirma.

Nesta entrevista, ele fala sobre os seus objetivos e metas; analisa a qualidade das demonstrações contábeis – “Não se pode mais colocar a culpa nas normas quando uma demonstração contábil não reflete a realidade subjacente” –; explica o que significa “novo ambiente informacional”; e, entre outros temas, opina sobre transparência, governança corporativa e implementação da tecnologia *Extensible Business Reporting Language* (XBRL). Ainda, o diretor deixa um recado aos estudantes de Ciências Contábeis. Confira!

RBC – O sr. tomou posse na CVM – em substituição ao também professor titular da FEA/USP Eliseu Martins – no início deste ano. Assumir o cargo de diretor da CVM significa um grande desafio para o sr.? Quais são os principais objetivos e metas que tem pela frente?

Broedel – Sem sombra de dúvida, é um grande desafio. Primeiramente, porque assumir o cargo após a brilhante passagem do professor Eliseu traz embutido um padrão extremamente alto de conduta. O professor Eliseu é um exemplo de acadêmico e de servidor público que alia competência técnica e desprendimento pessoal.

São características difíceis de serem encontradas em um mesmo profissional. É uma honra ter a oportunidade de assumir um cargo na Diretoria Colegiada da CVM.

Outro aspecto importante do desafio refere-se ao momento por que passamos, em termos de convergência da contabilidade brasileira às normas internacionais de contabilidade (IFRS). Já temos algumas demonstrações em full IFRS, mas teremos a maior parte delas no ano que vem (referentes ao exercício de 2010). Lembro sempre que a experiência brasileira é única em termos de convergência nas demonstrações individuais e consolidadas. Nesse cenário, a experiência

de acompanhar esse processo como regulador é fantástica. Como mencionei, é uma honra.

Outro aspecto bastante desafiador é que, ao contrário do que muitas vezes se fala, não temos na CVM diretorias específicas como ocorre em outros órgãos. É uma Diretoria realmente colegiada. Nesse sentido, tenho a oportunidade de avaliar questões extremamente relevantes do direito societário de forma mais ampla, que ultrapassam o aspecto contábil propriamente dito. O momento dinâmico do mercado brasileiro de capitais aumenta a complexidade dos assuntos societários de uma forma geral.

A CVM vem modernizando a regulação do mercado de capitais brasileiro, buscando adaptá-la à nova realidade que vivemos. As mudanças não ocorrem somente na seara contábil, mas em muitas outras frentes, como registros de emissores, ofertas públicas, agentes autônomos, clubes de investimento e outros temas. Sendo assim, eu tenho uma preocupação especial na questão de fazer valer essa nova regulação (o que os americanos chamam de *enforcement*). Essa é uma função que não fica restrita à CVM, mas também a outros participantes do mercado, como os auditores externos. A maior qualidade da informação é do interesse de todos.

RBC – Como diretor da CVM, o sr. tem a missão de cuidar da qualidade da informação contábil prestada pelas companhias abertas brasileiras. Qual a avaliação que o sr. faz da qualidade atual dessas informações?

Broedel – Está melhorando dramaticamente, mas ainda temos muitos pontos a serem desenvolvidos. Passa por uma mudança de atitude dos profissionais da Contabilidade e dos usuários. Com as novas regras contábeis, temos a oportunidade de oferecer demonstrações que realmente refletem a realidade econômica. Não se pode mais colocar a culpa nas normas quando uma demonstração contábil não reflete a realidade subjacente. Nesse sentido, a evolução tem que ser na direção de se aproveitar a oportunidade que essa “nova Contabilidade” nos traz de melhorar o conteúdo informativo das demonstrações.

RBC – Quando o sr. assumiu o cargo, fez referência a um “novo ambiente informacional”. O sr. poderia explicar o que significa esse novo ambiente?



Broedel, durante sua participação no 18º Congresso Brasileiro de Contabilidade

Divulgação

Broedel – Para que a informação contábil seja de alta qualidade e atenda à demanda dos usuários, é necessário que exista uma infraestrutura informacional. Estamos acostumados a falar de infraestrutura em outros setores, como transporte, no qual mencionamos a importância das estradas, da sinalização, dos portos, etc. Mas normalmente esquecemos que para que a informação flua com qualidade é necessário que tenhamos uma infraestrutura informacional apropriada. Essa infraestrutura informacional não se resume somente às normas contábeis. Elas são importantes, mas temos outros aspectos, como a preparação técnica dos profissionais e dos usuários; o nível de *enforcement* das normas; e outros aspectos. Nesse sentido, um mercado de capitais ativo demanda um novo ambiente informacional. As demonstrações contábeis deixam de ser vistas como elementos unicamente relacionados ao pagamento de tributos e passam a integrar o amplo conjunto de informações utilizadas por investidores no contexto do mercado de capitais.

É nesse sentido que nosso ambiente informacional precisa ser melhorado. É algo novo para as

empresas e os profissionais brasileiros. Muitas pessoas não estavam acostumadas a ver a Contabilidade como fonte de informação – de fato. Eu ouvi, muitas vezes, em minha vida profissional a expressão “isso é só contábil” ou “na prática a realidade é outra”. Isso não pode mais acontecer. Estamos caminhando para um modelo no qual a informação contábil tem que refletir a realidade econômica.

RBC – Para o sr., há transparência suficiente no mercado de capitais brasileiro? O que pode ser melhorado?

Broedel – Estamos melhorando, mas podemos ainda evoluir em muitas áreas. Eu destaco aqui a importância das notas explicativas. Elas foram muito negligenciadas no passado, apesar de fazerem parte das demonstrações contábeis. A maior parte das faculdades, por exemplo, não ensina seus alunos a redigirem notas explicativas. Por que isso acontecesse se elas fazem parte das demonstrações? Isso ocorreria devido à baixa atenção dada à comunicação com o investidor, com o usuário de mercado de capitais. Na nova realidade do IFRS, as notas explicativas são essenciais para o bom entendimento da realidade de

uma companhia (a evidenciação não substitui o reconhecimento, mas é essencial). Assim, eu ressaltaria esse aspecto no qual todos nós temos muito ainda a aprender e a evoluir.

RBC – Como está a implantação das normas internacionais (IFRS) pelas companhias brasileiras? O processo está em dia com o cronograma de implantação?

Broedel – Sim, sem sombra de dúvida. O Comitê de Pronunciamentos Contábeis (CPC) emitiu a totalidade das normas em 2009, que serão obrigatórias para os exercícios findos em 2010. Sendo assim, a partir das demonstrações anuais referentes ao ano de 2010, teremos a convergência completa das normas brasileiras às internacionais – lembrando que o processo brasileiro foi feito em duas etapas (2008 e 2010). Esse aspecto foi fundamental para que as empresas se adaptassem à nova realidade. Ou seja, entendo que o cronograma está sendo cumprido. A Deliberação n.º 603, que facultou às companhias a adoção antecipada das normas internacionais para o IFRS de 2010, também foi uma medida com a finalidade de dar mais tempo para que as empresas se preparassem para a implantação final das normas internacionais.

RBC – O sr. acredita que os profissionais contábeis brasileiros estão devidamente preparados para a utilização das normas contábeis internacionais?

Broedel – Bem mais do que em outros países (da Europa continental, por exemplo). Isso porque nós já tínhamos normas da CVM – como, por exemplo, a Instrução n.º 371 –, que adotavam os preceitos das normas internacionais. Da mesma forma, muitas empresas brasileiras já preparavam demonstrações em US-GAAP, o que as aproximavam do padrão IFRS. Outras manifestações da própria CVM (ofícios-circulares, por exemplo) também já estavam

na mesma linha das normas internacionais. Claro que todos nós temos muito ainda a aprender, mas acredito que estamos um passo à frente do outros países que passaram pelo mesmo desafio.

RBC – De modo geral, qual a avaliação que o sr. faz a respeito do nível dos mecanismos de governança que são praticados pelas companhias brasileiras?

Broedel – Também estamos em um processo de evolução. Eu creio na demanda do próprio mercado como direcionador das práticas de governança. Temos inúmeros indícios dessa evolução nos últimos anos, como pode ser visto pelas empresas listadas no Novo Mercado. É uma demanda do próprio mercado.

RBC – Sobre o processo de implementação da tecnologia XBRL (Extensible Business Reporting Language) no Brasil, como a CVM vê a constituição da jurisdição brasileira e a utilização dessa tecnologia pelas empresas nacionais?

Broedel – Entendemos, na CVM, que o XBRL é essencial no processo de modernização do ambiente informacional do mercado brasileiro de capitais. É um complemento essencial ao IFRS. Com certeza, iniciativas como a de criar uma jurisdição brasileira tem o impacto potencial de facilitar esse inexorável processo.

RBC – O sr. é considerado um profissional jovem e brilhante no meio acadêmico contábil, que agora também assume um importante cargo em uma autarquia-chave para o desenvolvimento do mercado de capitais brasileiro. Com uma carreira que serve de exemplo para milhares de estudantes de Ciências Contábeis do País, qual mensagem ou conselho o sr. poderia transmitir a esses jovens que estão ingressando na profissão contábil?

Broedel – Agradeço as palavras gentis. Se tenho algo a dizer aos estudantes de Ciências Contábeis é que estudem, estudem e estudem. Existe uma cultura impregnada em certos setores de nossa profissão de que a formação acadêmica não é essencial ao desenvolvimento profissional – a prática é mais importante. Essa discussão é infantil. A formação acadêmica e a experiência profissional são igualmente relevantes. Os alunos não devem desprezar a experiência universitária e devem usá-la com afinco. É fundamental ler muito e ler tudo.

Como características essenciais do novo contador, eu entendo que elas não são tão diferentes daquelas que já eram relevantes no passado. Nesse sentido, eu destaco dois aspectos: a multidisciplinaridade e a fluência em outros idiomas. O conhecimento profundo de Contabilidade, aliado ao conhecimento de economia, por exemplo, é essencial para quem quer atuar no mercado de capitais. Temos poucos contadores com essa formação. O mesmo ocorre com o direito societário. Assim, uma recomendação é o conhecimento de outras disciplinas que não a Contabilidade. E isso deve ser feito na faculdade. Por outro lado, devemos lembrar que o conhecimento das disciplinas relacionadas deve ser feito com o objetivo de melhorar o entendimento de Contabilidade, e, não, para manter disciplinas estanques. Não basta ter formação em áreas distintas (como Direito e Contabilidade), mas é preciso que se estabeleçam as ligações entre as áreas. Por outro lado, temos a fluência em idiomas estrangeiros, que é essencial em uma economia globalizada.

Por fim, gostaria de parabenizar aos alunos que escolheram a Contabilidade. Tenho certeza de que é uma área com oportunidades profissionais inigualáveis. Nós, contadores, temos um campo fértil de atuação. As oportunidades de crescimento pessoal e profissional são enormes.